

# O que o amor vira quando chega o fim? Reflexões acerca do manejo transferencial

---

Paulo Costa

## Resumo

O trabalho se propõe investigar as articulações possíveis do amor junto à psicanálise. Não se faz outra coisa em uma análise a não ser falar sobre amor, já dizia Lacan. Para isso, destaca-se a importância do amor para o fenômeno da transferência e a atenção ética que o analista deve sustentar no manejo para a condução do tratamento, pois é sabido que a transferência não vem desacompanhada de resistências. Tais questões serão debatidas a partir de recortes de um caso clínico abordando fatores como as identificações, o amor dentro de uma perspectiva especular e imaginária, que em um primeiro momento auxiliam a conjuntura transferencial. Para contribuir para a discussão, serão apresentadas as formulações iniciais a respeito do esquema óptico, com o objetivo de nos interrogarmos sobre a posição do analista na transferência.

## Palavras-chave:

Amor; Transferência; Identificação; Resistência.

## What does love become when it ends? Reflections on transference management

### Abstract

This paper aims to investigate the possible articulations of love within psychoanalysis. As Lacan said, in an analysis, nothing is done other than talking about love. For this purpose, the importance of love for the phenomenon of transference is highlighted, as well as the ethical attention that the analyst must sustain in handling the treatment, since it is known that transference does not come without resistance. Such issues will be discussed through excerpts from a clinical case addressing factors such as identifications, love within a specular and imaginary perspective, which initially assist the transferential conjuncture. To contribute to the discussion, the initial formulations regarding the optical

scheme will be presented, with the objective of questioning the position of the analyst in the transference.

### **Keywords:**

Love; Transference; Identification; Resistance.

## **Que se convierte el amor cuando llega el final? Reflexiones sobre el manejo transferencial**

### **Resumen**

El trabajo tiene como objetivo investigar las posibles articulaciones del amor junto con el psicoanálisis. Como dijo Lacan, en un análisis no se hace otra cosa que hablar sobre el amor. Para ello, se destaca la importancia del amor en el fenómeno de la transferencia y la atención ética que el analista debe sostener en el manejo del tratamiento, ya que se sabe que la transferencia no viene sin resistencias. Estas cuestiones serán debatidas a partir de recortes de un caso clínico abordando factores como las identificaciones, el amor dentro de una perspectiva especular e imaginaria, que en un primer momento ayudan a la coyuntura transferencial. Para contribuir a la discusión, se presentarán las formulaciones iniciales sobre el esquema óptico, con el objetivo de interrogarnos sobre la posición del analista en la transferencia.

### **Palabras clave:**

Amor; Transferencia; Identificaciones; Resistencias.

## **Qu'est-ce que l'amour devient quand la fin arrive ? Réflexions sur la gestion de la transfert**

### **Résumé**

Le travail vise à explorer les articulations possibles de l'amour avec la psychanalyse. Comme le disait Lacan, lors d'une analyse, on ne fait rien d'autre que parler d'amour. Pour ce faire, l'importance de l'amour dans le phénomène de transfert est soulignée, ainsi que l'attention éthique que l'analyste doit maintenir dans la gestion du traitement, car il est connu que la transfert ne vient pas sans résistances. Ces questions seront débattues à partir d'extraits d'un cas clinique abordant des facteurs tels que les identifications, l'amour dans une perspective spéculaire et imaginaire, qui dans un premier temps aident la conjoncture transférentielle. Pour contribuer à la discussion, les formulations initiales sur le schéma optique

seront présentées, dans le but de nous interroger sur la position de l'analyste dans le transfert.

### **Mots-clés :**

Amour ; Transfert ; Identification ; Résistances.

Em um de seus seminários, Lacan afirma que não se faz outra coisa em uma análise a não ser falar sobre amor (Lacan, 1972). Esse amor, às vezes à primeira vista — às vezes se faz necessário outras vistas —, vai se dando logo no início do tratamento. Nas entrevistas preliminares, seja por algo desse primeiro contato com o analista, um nome, um cheiro, um objeto, seja por um traço qualquer, mas não qualquer traço, o candidato à análise se liga à figura do analista e, a partir desse traço, vem a representá-lo. Freud (1912) conceitua esse amor com o nome de transferência e nos aponta que o traço que dá liga a essa relação analítica não é ao acaso, mas, sim, fruto de uma série de vivências experimentadas ao longo da vida, do qual foram se sedimentando características da condução da vida amorosa. Esses sedimentos passam a buscar uma via de satisfação em novos encontros amorosos. Portanto, esse traço vem com uma história, e, ao encontro de um psicanalista, rea(l)parece, repete-se na cena analítica, é transferido na figura do analista. Quinet (1991) diz que o surgimento do sujeito sob transferência é o que dá o sinal de entrada em análise.

Poderíamos seguir uma linearidade de raciocínio, em que, dessa vinculação entre transferência e entrada em análise, sabendo que há uma relação entre transferência e amor, seria possível afirmar que as entradas em análises se dão pela via do amor. Contudo, sabemos que há outros elementos que estão conjuntamente nessa equação. Assim, a compreensão de uma entrada em análise não se apresenta de forma tão linear. Acompanhado do amor, consideram-se também a ignorância e o ódio. Esses três elementos compõem o que Lacan nomeou de paixões do ser. A ignorância, como uma dessas paixões, é a base para o desenvolvimento teórico do sujeito suposto saber e peça importante para o advento da transferência (Jorge, 2017).

Apesar de o amor e a transferência não seguirem um formato linear para uma entrada em uma análise, mas tendo em vista suas articulações, cabe nos indagarmos se, quando chega o fim do amor, o fim de uma transferência... seria o fim? Para investigar essa questão, será discutida neste trabalho essa ambivalência da transferência que permite uma análise se desenvolver, ao ponto de ela também ser capaz de produzir resistências ao tratamento. Para ilustrar o desafio clínico que o manejo de uma transferência requer da ética do psicanalista, será discutido um

fragmento de um caso clínico, a fim de pensar as questões do amor, seu início, suas resistências e suas particularidades promovidas.

## **O custoso início**

Antes de apresentar os recortes clínicos, é importante destacar que, no intuito de preservar a identidade e o sigilo profissional, será dado um nome fictício ao analisante. Ele será nomeado de Henrique.

Nas entrevistas preliminares, antes mesmo da ida ao consultório, Henrique afirmou sua vontade por um atendimento presencial, alegando que a distância não lhe agradava. Apresentava-se cordial, pontual e, em sua queixa, mais do que simplesmente se queixar, depositava um querer saber sobre esse estranhamento que recaía sobre si na forma de sintoma. Um choro desmedido e sem lugar o surpreendera em um dia em que estava visitando sua família, que não via há um tempo. O estranho, dito em sessão, era que tudo estava tão bem que não cabia um choro. Era uma família que morava em outro estado, distante. Nessa primeira sessão, conta como foi sua ida para a capital, Belo Horizonte. Passava pela separação dos pais e via a mãe embarcar em um novo relacionamento, que prometia uma vida melhor, e em outro lugar, dado pelo novo amante. E com melhor vida, explicita-se, a vida financeira, o dinheiro. Nas sessões decorrentes, passa a escutar o adjetivo “mercenária”, que ganha seu tom significante para descrever a mãe. É nesse (con)texto que a mudança se dá, uma com a qual o analisante dizia não estar contente; deixar a terra em que estava crescendo, deixar o pai. Uma mudança que colocaria uma distância familiar e também que o aproximaria do infamiliar. Curiosamente, ao se falar no pagamento das sessões, Henrique sugere um valor possível a pagar, justificando tal valor pela mudança que estava tentando realizar — a de morar com sua companheira. Vemos, então, que sua libido orienta e articula estes dois significantes: dinheiro e mudança. Um valor caro, que custaria seus investimentos depositados em seu sintoma.

## **A transferência de libido ou libido em transferência**

Freud (1912), em seu artigo sobre “A dinâmica da transferência”, escreve que uma necessidade de amor não satisfeita completamente pela realidade se voltará para toda pessoa nova com expectativas libidinais. E acrescenta que a figura do analista pode ser tomada como essa pessoa nova. Dessa maneira, o analisante passa a incluir o analista em suas repetições.

Com relação aos investimentos que o sujeito deposita em seu sintoma, é pela transferência que esse investimento é deslocado; do sintoma para um objeto — o analista. Em outras palavras, a libido investida no sintoma é transferida no analista. Este passa a ser esse velho novo objeto de amor, que vai se alocar na fantasia do analisante e, reeditada agora, junto ao analista.

Dessa forma, um fato curioso sobre o caso chamava atenção. Henrique vai comparecer às sessões perguntando sempre antecipadamente se está tudo certo para ela. Tendo em vista a insistência que isso se dava, fora levantada a questão de pensar na singularidade dessa repetição, o que isso poderia dizer da história desse sujeito. Ora, essa pergunta se estava tudo certo para o acontecimento da sessão já nos indicava o lugar na transferência junto àquele analista, pois sua articulação significante em torno da mudança comparece mais uma vez aí, porém, dessa vez, endereçada ao analista. Ou seja, do “tudo certo para a sessão de hoje?” havia outro saber e que não dizia sobre o acontecimento da sessão ou não, um saber inconsciente, que poderíamos escutar por “haverá alguma mudança?”.

### **Amor-ficção: amo em ti algo mais do que tu**

Em determinada sessão, conta desse momento em que saíra com a futura namorada. Como ela havia sido namorada de um amigo, Henrique decide ligar imediatamente para ele. Pego de surpresa pela ligação, pergunta o que Henrique tinha feito. A resposta dada surpreende o analisante, ao dizer que não era “o que tinha feito”, mas, sim, “quem tinha feito”. Isso nos faria pensar então que, em um encontro, precipita-se algo anterior, uma busca, e, por essa busca, acabamos fazendo do encontro amoroso não só um encontro com esse outro, mas também um encontro desse outro em nós que buscamos. Dessa miragem especular, o amor tem essência de tapeação (Lacan, 1964). Noções que corroboram as ideias apresentadas por Chatelard (2022) sobre o amor, em que diz que, muitas vezes, o amor é tomado como busca de um complemento, e, dessa forma, o sujeito se entrega e se ilude nas promessas, não que o outro faz, mas que ele mesmo faz. Lacan situa esse amor-tapeação no campo do ideal do eu, em que este desempenha seu papel dando suporte a uma posição satisfatória pela qual o eu vai se ver a partir desse lugar que o outro o vê. Lembrando que, em “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914) separa em duas categorias os caminhos que levam à escolha de um objeto, sendo elas a escolha do tipo narcísico e a do tipo anaclítico, ou de apoio. Assim, tendo em vista o tipo narcísico de escolha de objeto, o sujeito passa a amar no objeto aquilo que ele mesmo é; o que ele mesmo foi; o que ele mesmo gostaria de ser; e a pessoa que foi parte dela mesma. O destaque para essas discussões é que esse amor-tapeação também ocorre na transferência, na qual o analista suporta esse lugar de objeto (a)galmático. Lacan comenta, ao final de seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, que o analisando resumidamente diz a seu parceiro analista o seguinte: “eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo mais do que tu — o objeto a minúsculo, eu te mutilo” (Lacan, 1964, p. 254). Essa é uma das características fundamentais da transferência, lugar em que o analista suporta ser — em sua função de semblante — essa presentificação do objeto *a*.

É interessante pensar então que essa noção de mutilação poderia relacionar-se com a dinâmica econômica sobre o narcisismo e, portanto, sobre o amor, no sentido de que o amor, em suma, seria a necessidade de ser amado. Em “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud (1921) conduz sua argumentação utilizando-se dos conceitos de ideal e das identificações, fazendo as devidas articulações com o amor, como ilustrado no trecho a seguir:

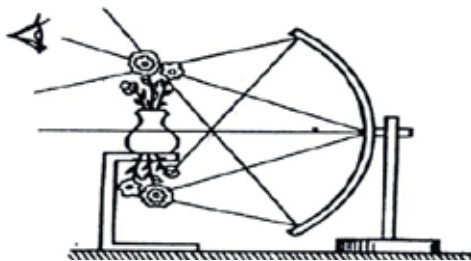
(...) que o objeto é tratado como o próprio Eu, que então, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda para o objeto. Em não poucas formas da escolha amorosa torna-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio Eu. Ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo. (Freud, 1921, p. 71)

Dessa forma, a partir do trecho, é possível ter uma compreensão de certa lógica libidinal, em que sua equação tem por objetivo restaurar uma integridade primitiva, o que Lacan chama de mônada, essa indiferenciação entre o eu e o outro. Tal restituição diz sobre o que constitui o objeto que Freud nomeia de *abtrennung*, uma separação, ou mutilação das experiências, em que esse eu (se) encontrava no outro (Lacan, 1961). Ou seja, uma identificação do sujeito no nível da imagem narcísica. A esse respeito, Lacan chama de transferência esse enfoque nessa identificação imagética, nomeando-o por um fenômeno imaginário (Lacan, 1954a). Junto a essas discussões com seus alunos no seminário, Lacan tece suas considerações, surpreendendo-se com as ideias de Balint, quando ele diz que o progresso de uma análise está na tendência do sujeito a reencontrar o amor primário; em outras palavras, sustentar uma análise reduzindo-a somente a esse plano imaginário da transferência.

Seria possível pensar então que, assim como o “quem eu fiz” de Henrique no encontro amoroso, suas outras relações também operassem esse feito? Um feito que viesse a restituir uma perda vinda dessa separação, análogo ao discurso de Aristófanes no *Banquete* de Platão, que coloca esse amor como busca de uma totalidade? Como dito anteriormente, é sabido que, nesse amor imaginário, o outro é colocado no lugar de objeto amado visando à sua satisfação em ser amado, um amor que deseja ser amado. Estaria o analista sendo colocado aí na transferência? E, sendo ela, nesse sentido, associada ao registro do imaginário, das identificações, dos ideais, como o analista responde desse lugar? Seguiremos a discussão apresentando a experiência do buquê invertido, pois, como amantes, resta-nos presentear com flores.

## Trouxe flores, mas elas não estão exatamente aqui – o objeto na transferência

Figura 1. Esquema do buquê invertido.



Fonte: Lacan (1954b, p. 107).

Esse experimento faz parte de uma série de demonstrações que compõem o esquema óptico. Ao longo de seu ensino, conforme os registros real, simbólico e imaginário vão se elaborando, Lacan vai modificando, realizando os ajustes necessários, adaptando, inserindo outros elementos, aprimorando o esquema para a implementação do RSI. Contudo, isso não quer dizer que esse apresentado, sendo um dos pioneiros, seja insuficiente ou antiquado para o embasamento teórico.

Em resumo, o experimento consiste na produção de uma imagem virtual desse buquê a partir de um espelho côncavo que vai permitir esse reflexo ilusório das flores sobre o vaso. As flores que se encontram no interior desse caixote são as flores reais, não vistas pelo observador, representado na figura por um olho. É pelo espelho — e sobretudo a posição em que o observador olha — que se produzirá essa imagem virtual e invertida do buquê. Lacan (1949) faz uma comunicação a respeito do estádio do espelho, em que diz compreendê-lo como uma identificação produzida no sujeito quando este assume uma imagem. Nesse momento, descreve essa imagem jubilatória em que o *infans* faz uma passagem da imagem despedaçada do corpo, fragmentária, para uma imagem integrada, inteira. Vemos isso representado no espelho, a partir desse ponto específico do observador que olha exatamente onde as flores estão formando esse par, onde buquê e vaso estão nessa completude jubilatória. E é através dessa imagem que o eu se precipita, que se realiza por esse olhar do Outro.

Com o amor, por esse viés do imaginário, podemos notar suas equivalências junto ao esquema, pois o observador, que até então só via um vaso vazio, agora acredita estar vendo um buquê real. Poderíamos até pensar aqui no amor à primeira vista. E esse é o destaque que merece atenção. Existe determinado ponto de vista em que as flores são vistas; contudo, elas são vistas por esse efeito ilusório, pois as flores reais estão localizadas fora do olhar do apaixonado.

É nesse logro que são reiteradas as discussões sobre a transferência. Quando o analisante é apanhado nesse engodo por se ver visto nessa imagem de completude, reencontrando seu amor primário, como diria Balint, onde vaso e flores estão perfeitamente alinhados, cabe ao analista responder a partir desse ideal imaginário? É interessante pensar para um mais-além da relação imaginária da transferência que se respalda pelas identificações. Um trabalho analítico que se promove somente pela imagem dificilmente se sustentará, pois, para seu progresso, faz-se necessário o enodamento aos demais registros. Dessa forma, Lacan (1964) nos auxilia a pensar a mola fundamental da operação analítica como uma manutenção da distância entre esse ponto do ideal e das identificações — com a qual o analisante convoca seu analista a encarná-las — e o objeto pequeno *a*. Ou seja, o analista responderia não entregando flores ali onde haveria esse ponto de completude, mas, sim, permitindo que essas flores se mantenham a uma hiância da identificação. Um dos aforismos lacanianos pode vir a situar essa posição ética diante da condução de um trabalho de análise: “Peço-te que me recuses o que te ofereço, porque não é isso” (Lacan, 1972).

Tendo essas questões referentes ao campo das identificações, do imaginário e do amor discutidas, e os reflexos disso na transferência, proponho seguir para o recorte final do caso clínico, no qual o analisante comunica outra mudança: a interrupção das sessões.

## O custoso fim

Há poucos minutos do início de uma nova sessão, o analista recebe por mensagem a comunicação do analisante sobre sua saída. Era uma mensagem, o que, em outros tempos, poderíamos chamar de carta, sobretudo de amor, de agradecimento pelo trabalho e por tê-lo acompanhado em sua trajetória. Porém, diante dessa mudança, o analista lembra as pendências financeiras. Uma questão a pagar. Portanto, o analista cobra, e assim, ao colocar o pagamento na cena analítica, marca sua posição de que não está ali por amor, por ideal, menos ainda para gozar das histórias que ouve (Quinet, 1991).

Pelos dias subsequentes, ainda sem o ato do pagamento, uma nova cobrança. Como bem diz Quinet (1991) em seu livro *As 4+1 condições da análise*, o analista recebe um recibo antes mesmo do gesto do pagamento. Nessa prestação de contas, o único recibo conferido ao analista é aquele pelo qual os significantes se encadeiam, permitindo as devidas pontuações, seja no corte, seja na interpretação. Assim, desse tempo em que o pagamento ficou retido já havia uma espécie de recibo a se dizer, a ser escutado. A cobrança foi a própria pontuação na economia do sintoma do sujeito: despeço-me com amor, e ele vem cobrar não com amor — pois a lógica implica ser amado —, mas, sim, com a cifra do meu gozo, representação do dinheiro



em uma análise. É possível relacionar esse recibo com a identificação à mãe, nessa cadeia significativa que articulava dinheiro e mudança. A suposição imaginária de que ela não havia mudado por amor, mas pelo dinheiro; amor *mèr(e)cenário*.<sup>1</sup>

Quinet nos adverte da resistência do sujeito ao pagamento, pois este viria da segurança do banco em que a libido se encontra investida: o banco do sintoma. Ao realizar o pagamento, Henrique emite seu recibo por onde há esse encontro imaginário da ordem da identificação ao amor *mèr(e)cenário* e, adjunto ao pagamento, diz: “Sim, toma o teu dinheiro!”. É importante considerar que, no amor de transferência, com a repetição de outros amores, há resistência. A psicanalista Nadiá Ferreira, em seu livro *A teoria do amor*, vai dizer que: “O que resiste é justamente aquilo que não pode ser significado e que está prestes a ser revelado. Em uma análise, quando alguma associação ligada ao recalque se desloca para a pessoa do analista, exatamente aí surge a resistência” (Ferreira, 2004, p. 24).

Dessa forma, de uma questão a pagar para um sintoma bancar, é necessária uma mudança subjetiva. Esta que tem relação ao colocar uma distância entre os ideais e as identificações que podem preencher uma imagem, saturando-a. Lacan (1954c) comenta, ao final de seu seminário sobre os escritos técnicos de Freud, esse amor que não está mais no campo da paixão, *verliebheit*, mas, sim, um amor como dom ativo, para além da cativação e do fascínio imaginário, que se realiza no plano simbólico e se dirige em direção ao ser do outro. Amor como dom ativo é amar um ser para além do que ele parece ser. Aqui, encontramos esse ponto de virada do amor. E, no que isso diz respeito, podemos pensar nessa interrupção das sessões. Faz-se necessário ressaltar que esse final não se associa diretamente ao fim de um amor, ao fim de uma transferência, mas, sim, de uma conjuntura possível entre amor e ignorância, dando uma abertura para uma transferência mais voltada para a via simbólica. É nesse ponto de virada do amor que se questiona o caso de Henrique. Afinal, é possível indicar se houve uma experiência desse amor naquilo que Lacan denominou dom? O amor *mèr(e)cenário* virou algo para além dessa cativação? O que se cobrava de Henrique o deixaria menos (h) enricado? A cobrança visava ao ser de Henrique, naquilo que lhe era mais caro. Por isso, engajar-se em uma análise não é uma tarefa fácil e confortável, pois, ainda pensando no pagamento, não se trata tanto de pagar com o ter, trata-se também de pagar com o ser.

---

<sup>1</sup> Neologismo que junta a palavra em francês para mãe, “*mère*”, e a palavra em português mercenária.

## Referências bibliográficas

- Chatelard, D. S. (2022). Paixão pelo sentido e amor ao signo? Traçando algumas reflexões. In *XXII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano*. Curitiba. [Prelúdio VIII].
- Ferreira, N. P. (2004). *A teoria do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Freud, S. (1912). A dinâmica da transferência. In S. Freud. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras.
- Jorge, M. A. C. (2017). A direção da análise. In *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1954a). As flutuações da libido. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1954b). A tópica do imaginário. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1954c). O conceito de análise. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1961). Deslizamentos de sentido do ideal. In J. Lacan. *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1964). Em ti mais do que tu. In J. Lacan. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1972). Peço-te que me recuses o que te ofereço. In J. Lacan. *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1972). Letra de uma carta de amor. In J. Lacan. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Quinet, A. (1991). Capital e libido. In J. Lacan. *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

**Recebido:** 01/12/2022

**Aprovado:** 15/12/2022